

# República de assassinos!

**Mais um deportado que tomba, vitimado pelo ódio dos políticos que têm uma noção de justiça mais primitiva que a dos selvagens e um instinto mais perverso que o dos criminosos!**

Nas plagas ardentes da Guiné morreu um operário que nunca foi bombista e jamais cometeu um acto que pudesse justificar a odiosa medida de excepção que lhe roubou a vida.

Alfredo Pereira Vaz foi assassinado cobardemente pelos que ousaram saltar por cima de todas as leis e de todos os princípios de humanidade.

As deportações são um crime, são a aplicação da pena de morte feita pelo ódio e pelo arbítrio! Aplicação tão bárbara que dá ao operariado o direito de afirmar que vive numa república orientada e dirigida por uma quadrilha de assassinos fora de todos os princípios morais e jurídicos das sociedades civilizadas!

## A choldra e o sr. António Maria da Silva

A grande preocupação do momento é o rasgão do fraque de António Maria da Silva, é estabelecer a identidade das pessoas que exprimindo uma opinião colectiva, a opinião duma esmagadora maioria, apuraram aquele político cheio de ódios e vazio de ideias.

Quem semeia tempestades não colhe rosas.

E o sr. António Maria da Silva é o autor dum sem número de violências, de perseguições injustas e de prisões que largos meses manteve, sem culpa formada. Todas as vezes que foi presidente do ministério renovou a sua primitiva declaração de guerra à classe operária, maltratando-a, vexando-a, agredindo-a. Encheu os calabouços e tornou usual o meter gente dentro das fortalezas sem dar a menor satisfação, sabendo muito bem que as leis limitam o prazo em que a prisão sem culpa formada é permitida.

Aquela manifestação de desagrado não foi premeditada. Se o fosse milhares e milhares de operários teriam comparecido a exprimir-lhe a sua revolta, a indignação que lhes causa as prisões sem culpa formada que se mantêm há mais de 5 meses, os espancamentos de operários e ainda essa sinistra medida das deportações, em que se condenou a um desterro doloroso e cruel indivíduos que nem sequer foram julgados e com a agravante de alguns terem falecido devido ao clima, às inclemências e às privações. Esses não voltam mais, nenhuma reparação conseguirá galvanizar seus cadáveres decompostos. E deixaram mulheres e deixaram filhos na miséria!

A manifestação de desagrado exprimi a lágrima de muitas mães, de muitas mulheres, de muitos filhos; exprimi a indignação de todo o proletariado contra um político mau e rancoroso que faz das perseguições e das violências um ideal e um programa; contra um político que, insatisfeito pela sua obra de ódio e de crime, ainda ousou injuriar a massa trabalhadora acoimando-a de choldra. O termo é duro. Tão duro que o seu autor tem a grande preocupação de o negar, declarando que o empregou não contra o povo, mas contra um grupo de pessoas que foram seus amigos, seus correligionários, que foram ministros em governos que ele chefiou e que hoje são adversários dos seus processos políticos. O termo é brutal. Mas não consegue ver-se livre dele, por mais de que o procure arremessar sobre os seus amigos e correligionários ontem que têm afinal costas largas, bem largas mesmo...

O operariado está na sua maioria integrado na C. G. T. e segue os seus métodos de acção, como inúmeras greves e movimentos o têm provado. E o sr. António Maria da Silva, quando se refere aos operários que são eleitos para a direcção dos sindicatos, classifica-os despresivelmente de discólos, meneurs, agentes profissionais da desordem e outros termos que por serem injustos são profundamente caluniosos. O insulto não é de hoje, é de ontem. A choldra não o esquece; a choldra não se esquece.

A choldra sabe que o sr. António Maria da Silva é chefe dum partido donde saiu o ministério que orde-

nou as deportações. A choldra lembra-se que da última vez que ele foi chefe do governo declarou ao *Diário de Notícias* que mantinha as deportações porque não pactuava com bandidos. E o seu ministério perflhou todas as violências que ele, como chefe do partido democrático, tinha aplaudido no momento em que correligionários seus as tinham praticado.

A choldra sabe que o sr. Domingos Pereira não manda regressar os deportados, fazendo-os submeter a julgamento, não manda pôr em liberdade os que há 5 meses se estão tuberculizando nas esquadras, porque o sr. António Maria da Silva, por intermédio do directório do seu partido, não quer. A choldra não tem os olhos cerrados. A choldra sabe que a Guiné é um cemitério onde de semana a semana se abre mais uma sepultura.

E concordemos que a choldra insultada, caluniada, tendo por habitação as esquadras, as fortalezas e as plagas africanas, e por justiça os sabres e as espingardas da polícia é bastante generosa contentando-se com uma explosão verbal de cólera e o rasgão num fraque, rasgão mais fantasiado do que verdadeiro.

## Notas & Comentários

### Lá e cá

Numa praça de touros espanhola encontrou a morte mais um toureiro — o Nacional II. O seu entéro foi muito concorrido. Cerca de dez mil pessoas acompanharam-no à última morada. Mas — modificação curiosa no espírito espanhol — pelo povo foi pedida a demolição da praça de touros e construído em seu lugar um bairro operário. E enquanto isto sucede em Espanha — país de apaixonados do bárbaro espectáculo — em Portugal ainda há quem pretenda ressuscitar os touros de morte. Se eles são de morte, acabe-se com os touros de morte dum vez para sempre.

### A moralidade de um chefe

O chefe da secretária da Penitenciária de Coimbra é pessoa douda e ilustrada. Daí a sua preocupação pelo aperfeiçoamento mental dos reclusos. Devido aos seus esforços louváveis... são na sua esmagadora maioria analfabetos. E os que o não são — é como se o fossem, porque o doudo chefe vê, vela com tal cuidado que proíbe a entrega aos reclusos de livros que se sejam enviados pela Secção Editorial da Batalha. Mesmo que esses livros fossem inocentes como Maria, a fada do bosque, o illustre chefe, só porque passavam pelas mãos criminosas dos homens de A Batalha, teria o cuidado de evitar aos reclusos o seu contacto.

O chefe lá sentenciou um dia destes: — Os livros de A Batalha são prejudiciais à moral!

O chefe tem razão. Bem fazê-lo que se entrega apenas ao inocente prazer de saborear o apêntim erótico que o Diário de Notícias vem publicando.

### A força do hábito

No casino de Sintra existe como gerente um sr. Tito Martins que se comporta para com o seu pessoal, homens e mulheres, como um verdadeiro Catigula.

Pelo mais mesquinho pretexto, o tirano distribui bofetadas e pontapés, e há poucos dias a sua fúria foi ao ponto de deixar cheio de contusões pelo rosto um rapaz de nome Graça, menor de 13 anos.

Esse Tito foi encarregado de uma roça em África e pela forma como aqui trata os brancos poderá avaliar-se da maneira como em terras africanas «civilizaria» os pobres negros.

### Livros novos

A Editorial «Spartacus», dirigida pelo nosso camarada Campos Lima, que ainda há dias trouxe a público o curioso volume «A história do movimento macronista».

## Armando Borghi, antes de partir, faz interessantes declarações à BATALHA sobre o Congresso, o movimento operário português e a actual situação política

Antes de retirar-se de Portugal, o nosso camarada Armando Borghi, delegado da Associação Internacional dos Trabalhadores ao Congresso Confederal que teve lugar em Santarém, teve connosco uma interessante conversa que não podemos deixar de registar tão fielmente quanto possível. São, para nós, valiosas as suas opiniões acerca do Congresso Confederal e do movimento operário português, que há muito vem seguindo através da imprensa e que só agora teve ocasião de examinar de perto.

— Notei no vosso Congresso — disse-nos ele — uma orientação clara e uma mentalidade bastante equilibrada.

— O movimento operário tem exigências que são as suas razões primordiais de ser. São estas exigências de natureza económica e material. Não require o movimento operário uma selecção sob o ponto de vista de ideias, mas sim de classe. Esta selecção de classe pode constituir uma força de resistência contra o ideal superior que deve guiar a classe operária no sentido da sua emancipação. Mas ali reside precisamente a força suprema do sindicalismo revolucionário, visto que faz nascer dos interesses de classe a ideologia de classe.

— Encontrou essas características no movimento operário português?

— O Congresso da C. G. T. — disse Borghi — deu-me a impressão de que este esforço foi bem realizado em Portugal. Já o disse e repito-o: há boa ideologia libertária, sem os preconceitos da hiper-crítica que atrofiam o movimento em França. Vós sois sindicalistas, sem sofismas anti-anarquistas e anarquistas sem sofismas anti-sindicalistas.

— Outro tanto não acontece em França — disse-nos.

— Em França — elucidou o nosso entrevistado — a perda do comunismo e a preocupação de combatê-lo, fazendo-lhe concessões, deu lugar a uma rivalidade aguda entre sindicalistas e anarquistas, que em lugar de juntar as duas energias as anula reciprocamente.

— É uma orientação lamentável.

— É, de facto. A yossa, porém, que é a da A. I. T., impõe-se à consideração mesmo de criaturas que não militam no nosso

campo. Eu poderia assombrar os comunistas portugueses, lembrando-lhes a carta do socialista revolucionário das esquerdas russas Steinberg, dirigida ao último congresso da A. I. T., em Amsterdão, na qual esse socialista... que, portanto, não é anarquista... e que, depois de Outubro de 1917, esteve no governo com Lênine, como comissário da Instrução Pública, declarou reconhecer no nosso sindicalismo todos os elementos da independência política e da força política revolucionária ao mesmo tempo.

Referindo-se à nossa obra de propaganda Borghi disse-nos com satisfação:

— Felicito os camaradas portugueses pela sua obra criadora, tanto na parte que se refere à C. G. T., como ao seu brilhante diário *A Batalha*, muito apreciado lá fora. É necessário persistir nessa obra com tenacidade.

Interrogado sobre o próximo congresso da A. I. T., respondeu-nos:

— Esperamos que a situação política não mude para pior em Portugal de maneira a podermos realizar, dentro de pouco tempo, em Lisboa, o terceiro da Associação Internacional dos Trabalhadores.

Quizemos saber a opinião de Borghi acerca da situação política portuguesa.

— Há por toda a parte — disse-nos — a mesma perturbação política, mais ou menos accentuada. Os perigos são de duas naturezas igualmente funestas. O primeiro: a reacção militar. É preciso não lhe deixar livre o caminho, como ingenuamente pensam certos adeptos da fórmula «quanto pior, melhor», ou como pensam ainda certos comunistas que julgam poder explorar em seu proveito a ditadura dos outros.

— O segundo perigo é o de se julgar que todos os que combatem a ditadura militar lutam de acordo e em contacto com a classe operária. A classe operária não deve deixar-se absorver nem apagar a sua individualidade colectiva.

— Em Portugal compreendeu-se bem isso. Não é a teoria abstracta que nos indica esta atitude, é a experiência de anos acumulada que no-la aconselha.

## As principais obras de fomento que precisa e reclama o povo de Cabo Verde. Algumas impressões sobre a vida associativa, política, educativa e literária

Já lhes falei da questão agrícola e do porto grande de S. Vicente, e, na verdade, estes são os dois maiores problemas, as duas basilares questões de fomento e economia que Cabo Verde precisa resolver; tudo mais gira ao redor destes problemas que decidirão da miséria ou da fortuna da província.

Outras obras de fomento, indispensáveis, há que realizar, parecendo-me mais urgentes as seguintes:

Na ilha de S. Tiago, reparação ou construção duma ponte no porto da Praia, reparações em estradas e nos portos de Tarrafal e Ribeira da Barca, em misero estado, e construção dalguns edifícios para escolas e repartições.

Pensa-se, também, na construção de casas e aproveitamento de outras para instalar com decência e conforto os funcionários que não têm habitação. Tem grande importância este factor da residência do funcionalismo, porque uma instalação confortável, além de ser direito natural, muito influe no prestígio a manter e naquela socialidade e fiscalização indispensável ao bom êxito duma honesta acção colonial.

Discute-se neste momento uma proposta autorizando o governo da colónia de Cabo Verde a vender em parcelas os terrenos das propriedades denominadas «Montado Real», situadas nas ilhas do Fogo e Brava. As receitas provenientes da venda dessas propriedades serão aplicadas nas duas ilhas, na abertura e reparação de estradas e caminhos carreteiros, na captação e abastecimento de águas, nas reparações e apetrechamento dos seus portos e na aquisição e construção de edifícios para escolas e repartições públicas.

Nas ilhas de Boa Vista e Sal é necessário construir pontes-cais e reparar caminhos.

Em São Nicolau foi criado há poucos dias um Instituto de Educação Secundária, aproveitando-se o velho edifício do Seminário e alguns professores que já custavam dinheiro à Colónia.

Na ilha de Santo Antão deverão ser realizadas reparações em estradas e caminhos, e pensa o governador auxiliar a construção de levadas e represas para irrigação, procurando-se, assim, atenuar os malefícios efeitos de crises futuras.

São estas, nos seus traços gerais, as obras de fomento a realizar e que apenas dependem dalguns pareceres do ministério das Colónias e da colaboração de técnicos, que ultimamente tem estado difícil, pois que, por motivos diversos, quasi todos os chefes de serviços desta colónia têm estado ausentes nos últimos tempos.

Para tudo isto é preciso dinheiro, mas pelo que ouvi, entendo que a situação económica e financeira da província não é de molde a meter cuidados. A província de Cabo Verde não conta largos recursos e as suas crises constituem quasi permanente embaraço. Todavia neste momento a situação económica não é para desanimar. Todas as obras de fomento em que falei podem ser iniciadas porque estão na previsão orçamental e o governo dispõe, actualmente, de cerca de 3.500 contos para os primeiros trabalhos. Além disso a Província não tem dívidas de qualquer espécie, o orçamento colonial está em dia e equilibrado, o que não sucede na metrópole.

As receitas aumentaram sensivelmente nos últimos anos, bastando apontar que em 1921-1922 se cobraram na importância de 3.270.994\$90; em 1922-1923, já se elevaram a 4.945.829\$45; em 1923-1924 deram um salto para 7.846.113\$49; em 1924-1925 foi a receita prevista em 9.114.900\$00; e o orçamento actualmente em vigor, 1925-1926, é de 13 mil contos.

Há nesta província um factor de ordem económica que muito a beneficia e de que o governador da colónia soube, a tempo, tirar partido. A sua balança comercial acusa um saldo favorável entre exportação e importação. Proveniente dos dollars da emigração, das libras e francos do porto de São Vicente, da exportação e reexportação, entram em Cabo Verde 31.337.216\$33, para fazer frente a 27.715.146\$71 da importação, o que, segundo cálculos recentes, dá saldo favorável de 3.822.069\$62.

Foi apoiado nestes números que o dr. Julio de Abreu impediu a circulação fiduciária e expulsou as notas desvalorizadas de Angola, em duas portarias de Maio e Setembro de 1924, documentos que eu não

posso transcrever, mas que representam uma lição de honradez e energia a muitos estadistas de papelão.

Resulta que esta província ultramarina, de todas a mais pobres, é das poucas que têm a sua nota valorizada e a vida mais barata.

Falemos agora — rapidamente, porque mais não consente o traçado destas ligeiras crónicas — do aspecto social, político e cultural.

Cabo Verde não tem ambiente associativo, nem possui, espírito associativo. Mesmo as associações mutualistas ou de beneficência não medram aqui, e até os grupos desportivos, agora tão em moda, são aqui raros e sem consistência.

Instituições de assistência a pobres ou indigentes também não existem, sendo o governo da província o único que assiste, dependendo com esses serviços e os de saúde e sanidade a importância de 1.865.071\$95.

Esta ausência de qualquer iniciativa individual e de espírito associativo, explica o divórcio, o isolamento em que esta gente vive, alheia e descrente de todos os problemas políticos e sociais, falta de promessas que se não cumprem, cheia dum septicismo que mal lhes consente, e muito brandamente, tratar cada um de si.

Depois, não há população industrial; são poucos os operários ou artifices nativos, e ainda menos os europeus; e a população agrícola, embora na sua quasi totalidade já nascida e criada em Cabo Verde, está bastante carregada do sangue negro da Guiné, de modo que vai suportando, indolentemente, o sistema de trabalho com que é explorada, — um sistema de rendas ou de meias sem controle ou fiscalização — e nada pensa ou sabe de questões sociais.

Verdade seja que mesmo assim, em matéria de propriedade agrícola, só alguns proprietários, geralmente nativos, mas muito raros, fazem fortuna, deixando-se a maioria vogar na lama de menor esforço, que é das principais causas da história trágica das grandes crises agrícolas.

Nesta altura devo aqui registar os nomes de três agricultores, os srs. José Maria da Costa, João de Deus Tavares Homem e Abílio de Macedo, o primeiro europeu e os dois últimos caboverdeanos, cujas propriedades visitei, e onde encontrei um trabalho admirável de valorização agrícola que é a prova mais exuberante de que com trabalho, método e inteligência se podem conseguir aqueles resultados tão indispensáveis à vida caboverdeana.

Pelo que respeita ao comércio, não tendo Cabo Verde o tipo de colónia de feitoria ou de fazenda, e tendo estacionado naquela transição de colónia para a de província metropolitana, segundo a classificação de Oliveira Martins, a sua vida comercial nada tem de característico ou especial, limitando-se às casas comerciais, de europeus e nativos, a vender o melhor que podem as suas fazendas aos nativos das diversas ilhas, e a exportar, pacatamente, a purgueira, a aguardente, o café e outros produtos da sua produção.

Num meio destes, com indústrias perdidas ou por criar, onde o comerciante, o funcionário, o empregado comercial e o trabalhador se deitam logo à boquinha da noite, porque a vida começa de manhã cedo, não há ideias associativas que medrem, e o próprio meio social, a pesar da afabilidade muito simpática de alguns, é limitadíssimo, triste, sofrendo desse isolamento a que forma única excepção a buliçosa e alegre colónia inglesa de São Vicente.

De política não existe aqui qualquer grande questão transcendental. Como não se trata duma colónia de ocupação, não há que derimar, militarmente, qualquer conflito indígena; também não há que registar incidentes entre nativos e europeus, o que é natural, visto aqueles, mais brancos ou menos brancos, terem sempre sua porção de sangue português.

Uma certa reserva que se nota em alguns caboverdeanos, atribuo-a à pouca confiança que têm em promessas jamais cumpridas, ao próprio abandono a que o arquipélago foi votado.

De política metropolitana pouco querem saber, raríssimas vezes se ouvindo aqui falar em democráticos ou nacionalistas, em radicais ou conservadores.

As revoluções, por mais sangrentas, nada



os impressionam, e ignoram, com a mais respeitável sinceridade, os nomes dos ministros, inclusive os das colônias...

Há neste indiferentismo como uma instintiva e humana desconfiança ao ostracismo a que foram lançados.

Todavia há uma política muito local, onde uma minoria apoiada no governo e na geral indiferença, elege os deputados, os senadores, e nomeia as Câmaras Municipais—tal qual como na metrópole...

Em todo o caso, nalgumas ilhas, verifica-se uma revivência de acção municipal que tem dado alguns melhoramentos, em matéria de aforamento e sanidade, e a cidade da Praia, e promete dar à Ilha de S. Vicente e a outras, na verdade bem necessitadas de arruamentos, água, luz, higiene, etc.

\*\*\*

Indispensável averiguar o que um povo realiza em matéria de educação, para se concluir do seu sentido progressivo.

Cabo Verde possui 76 escolas primárias com 142 professores, havendo em todo o arquipélago 7.701 alunos matriculados.

Tem mais um Liceu para ensino secundário, em S. Vicente, com 17 professores e 51 alunos matriculados, e uma Escola Profissional de Arte Marítima.

A única escola de artes e ofícios—de todas as mais úteis e necessárias—está encerrada temporariamente. Pésimo sintoma. Custam estes serviços aproximadamente, 1.600 contos—o que é muito em relação aos recursos da província, o que é pouco tendo em vista as necessidades do ensino e civilização.

Um território com 3.928 quilómetros quadrados, 754 aldeias, 37.859 fogos, contendo uma população de 160.000 indivíduos, que se compõe de 5.031 de raça branca, 5.224 de raça mista, e 69.420 de raça preta, carece de muitos mais esforços educativos, de muito mais dinheiro gasto com instrução, para poder traçar a sua marcha progressiva.

Dizer-se o contrário é uma ficção.

O número dos alunos matriculados (7.701) em face da população (160.000), dá mais de 65 por cento de analfabetos. Bem sei que nos outros territórios essa percentagem diminui consideravelmente, especialmente na Ilha Brava onde, devido às necessidades de emigração para a América, quase toda a gente aprende a ler. Mas tudo isso é nada comparativamente com a grande massa que se conserva ignorante, inapta para qualquer esforço orientado, mesmo de ordem material.

Neste quadro está a completa explicação da vida social caboverdeana—razão maior da sua indolência, da sua fatalidade, das suas cinzas em que encontra decadência e morte.

Acresce, ainda, que nas escolas que existem não tem havido sempre boa gerência técnica, os professores sem o devido curso e quase sempre interinos—mal este a que só há pouco tempo se procura pôr termo.

Todavia, o povo caboverdeano possui um temperamento intelectual. A sua proverbial melancolia refina-lhe a inteligência, e todas as ilhas estão povoadas de lendas, superstições, adágios, que nos dão notícia da sua ardente imaginação.

Nos seus cantares creoulos, especialmente na *morna* que as páliadas mulheres caboverdeanas dançam com um ritmo apaixonado e impressionante, adivinha-se todo um raudal de inéditos motivos para estoldir e para enriquecer a nossa literatura.

Além de figuras caboverdeanas de relevo, bastante conhecidas na vida mental, encontrei por aqui, entre velhos e novos, escritores, poetas, desenhadores duma rara sensibilidade, todos eles alheados de si próprios e dos seus reais merecimentos, mas a par da nossa literatura e arte, e com uma maravilhosa curiosidade pela vida intelectual e artística do país. Mas tudo este movimento é bastante disperso, cada um vivendo e vibrando dentro de si, encerrado no grande isolamento que é a maior condição desta fatalidade geográfica.

Há intelectuais, mas não há meio intelectual.

As duas únicas bibliotecas, na Praia e Mindelo, estão mal montadas e acasam pouca frequência; não há livrarias, não há jornais locais, e os livros e publicações portuguesas pouco vêm ou são mal distribuídos.

De todo este abandono, tão injustificado, e que tanto nos prejudica intelectual e economicamente, têm principais responsabilidades os governos maderanos e elites da metrópole.

Colhi em Cabo Verde magníficos elementos etnográficos, belos documentos de literatura e arte que me forneceram as pessoas cultas com quem privei, mas que não cabem no curto espaço duma crónica. Ficaram para o Suplemento Literário de *A Batalha* ou para obras minhas, onde marcarão momentos de fugidio encanto vividos entre paisagem estranha, em terras negras e ardentes deste arquipélago de melancolia.

E, agora, a caminho das águas mortíferas da Guiné...

Alto Mar—Agosto 1925.

JULIANO QUINTINHA

## Queixas e reclamações

No Refúgio e Casas de Trabalho

Numa comovedora carta que nos enviou, um velho internado no Refúgio e Casas de Trabalho queixa-se amargamente das constantes agressões de que é vítima por parte de alguns colegas menos edosos e que para entreterem o tédio ousam agredir o pobre velho. Para aumentar o seu infortúnio dizem o autor da carta, que os refugiados são mal alimentados e quando doentes passam uma vida de martírio e de miséria na enfermaria para onde são atirados.

Como as belezas da assistência pública são continuamente cantadas, ocorre-nos perguntar se são desconhecidos das entidades competentes os factos a que alude o nosso reclamante.

**TIVOLI**  
TEL. N. 5471  
A'S 8 3/4 HORAS

**AS TRÊS IDADES**  
Super-produção cômica em 6 partes com Buster Keaton (Pamplinas)

**Uma corrida em Kentucky**  
Comédia dramática com Reginald Deuny

**Um documentário**  
Uma revista cinematográfica

Amanhã — Matinée

## Dos súbditos espanhóis um foi sóto, outro conserva-se iniquamente detido

Principiou já a fazer-se justiça aos súbditos espanhóis presos à ordem do ministro dos negócios estrangeiros. António Vicente Callero foi ontem posto em liberdade depois de cerca de 15 dias de cativeiro.

O motivo da sua libertação foi igual ao da sua prisão. Ninguém soube responder-nos porque foi preso Callero, como ninguém saberá responder-nos porque foi sóto. Se nos regosija a sua libertação não é porque ela represente um acto de generosidade do governo e, muito especialmente, do ministro dos negócios estrangeiros. Foi porque Callero regressou à liberdade, ao convívio de sua companhia que tanto o ansiava.

Mas esse regosijo não nos faz esquecer a tremenda arbitrariedade que sobre esse operário pesou durante largos dias. Já ontem dissemos que só por sugestão do sr. Alexandre Padilla, ministro de Espanha em Portugal, essa prisão se realizou e manteve. E só a essa sugestão se pode atribuir o facto de Callero ter sido sóto ontem e ficar ainda nos calabouços do governo civil o seu patrício José Sánchez.

A acusação que pesava sobre ambos era igual, aligeira-se-nos, porque o sr. Padilla nunca teve a delicadeza de a ela se referir. Callero foi sóto já o dissemos. Porque ficou preso José Sánchez?

Outra pergunta que dificilmente obterá uma resposta. Se a tivéssemos que dirigir particularmente não sabíamos a quem enderecá-la. O ministro dos negócios estrangeiros deve ignorar o motivo da detenção.

Outro tanto não deve suceder ao sr. Padilla a pesar de haver-se passado o seguinte facto, cuja autenticidade garantimos, que dá bem a nota dos paradoxos do sr. ministro de Espanha: Sánchez é membro da direcção da Juventude de Galicia. Em algumas recepções que se deram no palácio de Padilla, Sánchez foi convidado pelo sr. Padilla a honrar-las com a sua presença.

Sánchez era então um membro da colónia espanhola muito da estima do sr. Padilla. Mas de súbito eis a horrível metamorfose: Sánchez em lugar de dar luzimento aos banquetes da legação espanhola, passou a alimentar os parasitas que infectam os imundos calabouços do governo civil. De exemplar cidadão desceu a simples cativo!

Admitimos como razoável, num país onde estão suspensas todas as garantias individuais como em Espanha, que um governo do qual fizesse parte o sr. Padilla procedesse para com os nacionais como de vulgar vermos em Espanha. Mas num país com todos os direitos constitucionais em exercício o ministro duma potência estrangeira tripudiar sobre as leis do país onde reside para cevar seus ódios num súbdito do seu país natal não está dentro das normas jurídicas, não está a carácter com a democracia!

Não é o sr. Padilla que merece o nosso sarcasmo. Ele vai para o governo, especialmente para o ministro dos Estrangeiros, que, não sabendo explicar o motivo da prisão do Sánchez autoriza-nos a inferir o que deixamos atrás reproduzido. E não é só o sr. Vasco Borges que não sabe dar-nos essa explicação. Na polícia são ignoradas as causas porque se mantém preso um indivíduo de nacionalidade espanhola o de outro crime não praticou senão o de estar sóto.

Que esta situação não deve eternizar-se já o acentuámos mais duma vez. Se o governo não sabe justificar a detenção de Sánchez que o solte porque apenas pratica um acto de justiça.

Tenha também a ombridade suficiente de proceder segundo as leis do país que representa, sem subserviências que não só o colocam numa situação de inferioridade como até desprestigiam o país que tem tal governo!

## Os baldios de Tolosa

Que belo dia!—Este dia de hoje... O sol, quente e carinhoso, despontou no horizonte com uma singular ternura que parece querer tonificar, com seus raios de luz benéficos, os transviados corações dos homens-feras, dos homens que mais não têm de humano que não seja a forma... Despontou, e a Terra, a Terra maldadada, na sua marcha vertiginosa através do espaço infinito e em roda do fecundante astro do dia, leva-nos? Quem sabe para onde? Leva-nos trauteando a canção triste e dolente da vida... que a Humanidade não pode viver!

Canção e vinda nesta luta de todos os instantes, a Terra precipitar-nos há no abismo e irá de escantilhão feita braza incandescente em busca doutro planeta que a acarie e a retenha na sua atração incomensurável, um dia que o Sol lhe falte com a luz que ele só deseja prodigalizar e distribuir pelos seus satélites onde a liberdade e a vida não sejam uma mentira...

A vida terminará então por séculos e séculos, enquanto a braza não deixar que ela de novo renasça e se expanda...

O pensamento é como o relâmpago; é prodigioso a sua marcha...

Tentei escrever exclusivamente sobre as justas pretensões do povo de Tolosa, no que toca aos seus baldios, deste infeliz povo que podia e devia viver uma vida exuberante e próspera, se à sua volta não estivesse meia dúzia de bandidos da pior espécie que tenta não só roubar-lhe essa liberdade, como ainda envolvê-lo numa irrespirável atmosfera de ódios e suspeições entre os povos circunvizinhos. Tentei isto e desviei-me, sem querer, algo do assunto, abordando coisas que bem mais vale esquecer-las...

Mas... vamos ao caso:

O povo de Tolosa recebeu com uma alegria indescritível *A Batalha*, que lhe trouxe a boa-nova da defesa da sua vida causa, que a ser ganha, como creio, porque é justa e humana, será a um tempo uma causa sacrosanta e que marcará também uma era nova na vida miserável deste povo honesto e trabalhador.

O povo de Tolosa triunfará, e esse triunfo representa a felicidade para todos os lares. E o triunfo do povo de Tolosa fará com que o povo de Gafete, eternamente escravizado, desceja também conseguir a sua carta de alforria, que é a sua independência económica, a sua emancipação, tomando posse dos seus baldios que há uns 30 anos deixou roubar. E conseguiremos ao mesmo tempo levantar o nível moral desta família, que é tudo.

Estes dois esmagados povos passarão a ser bastante felizes, uma vez que se reapossaram dos terrenos que só a eles pertencem.

Abel PAIVA

## O assalto à C. G. T.

O que diz a imprensa

De *A Tribuna*, diário republicano da manhã do Porto:

«Um dia destes, em Lisboa, a polícia entrou na sede da Confederação Geral do Trabalho onde também se encontram instaladas várias agremiações operárias. Depois de lhes passar uma busca minuciosa, talvez porque não encontrasse aquilo que desejava, destruiu o mobiliário, partiu vidros, cometeu várias tropelias e... retirou-se».

Esta notícia, lida em parangão do nosso colega de Lisboa *A Batalha*, tornava-se quase inacreditável, se não viesse acompanhada de algumas fotografias elucidativas, por onde se vê que realmente a sanha política manifestou-se dum modo brutal, só comparada à que nós observámos nos *bons tempos* do dezembrismo e da traulitania.

Em nome dos princípios de solidariedade aqui sempre defendidos, em nome da liberdade de pensamento, que reputamos uma coisa sagrada; em nome da ideologia em que assenta o regime implantado em 5 de Outubro de 1910 e que teve por fim acabar com leis de excepção, com perseguições políticas, com bambuchas e actos de força absolutamente escusados—protestamos contra o atentado de que foi vítima a Confederação Geral do Trabalho.

Compreendia-se que semelhante desatino fosse praticado por criaturas incapazes de compreender o respeito que nos deve merecer a casa alheia. Mas por agentes da polícia, a quem o Estado paga para manter a disciplina e a ordem pública, é uma anomalia tal que de nenhum modo pode admitir-se em país civilizado, mesmo que a frente da corporação em referência esteja o sr. tenente-coronel Ferreira do Amaral, que, segundo se diz, é um homem valente, capaz de romper com todas essas velharias a que nós chamamos os direitos dos cidadãos.

Não, sr. presidente do ministério: ou v. ex.ª se julga com força bastante para cobrir estes abusos da polícia, ou tem de se ir embora. Positivamente, v. ex.ª não pode enxovalhar dessa maneira o seu passado de republicano, tanto mais quanto é certo ter dado já sobejas provas de estar perfeitamente integrado nos belos princípios da Democracia...

## Protestos

Enviou-nos o seu protesto e solidariedade a comissão administrativa da Associação de Classe dos Operários Manipuladores de Pão do Porto.

—A comissão administrativa do Centro Comunista Libertário do Porto, na sua última reunião, resolveu lavar o seu indignado protesto contra a «heroica» façanha praticada pela odienta corporação da polícia republicana.

Dos presos da cadeia do Porto, prisão 5, Emílio Alves de Pinho, Manuel da Silva e José de Oliveira, recebemos uma carta protestando contra o assalto de que foi vítima a C. G. T.

—De *A Reação*, semanário anti-republicano de Lisboa:

«Este nosso colega, com quem aliás raramente estamos de acordo, a pesar de também não defendermos incondicionalmente o regime burguês, acaba de ver vítima de mais uma atroz violência, tendo a polícia invadido os seus escritórios, pilhando, destruindo e ameaçando revoltosamente, através de chufas e insultos, o director e corpo redactorial.

Contra essa arbitrariedade indecorosa, muito semelhante àquela de que temos também sido vítimas, protestamos vigorosamente, estando em absoluto ao lado do nosso colega nesse assunto que atinge toda a imprensa, ferindo-a profundamente nos seus brãos».

## Uma carta

Do nosso amigo e colaborador o professor da E. P. S. de Santarém sr. Serra Frazão recebemos a seguinte carta, que gostosamente publicamos:

SANTAREM, 6. — Protesto indignadamente contra o infame procedimento dos janizaros que assaltaram as sedes de diversas colectividades operárias e ameaçaram o director de *A Batalha*.

Como operário intelectual, não posso ficar silencioso perante este vergonhoso facto. Quando teremos nós umas instituições verdadeiramente democráticas, à sombra das quais possamos viver tranquilos, e trabalhar por um futuro melhor?

Como tudo isto nos causa nojo e repulsa!

A 15 anos de República, ainda não há o direito de reunião, a não ser para os monárquicos, nem a liberdade de pensamento tão apregoada pelos propagandistas.

Em face do que se está passando ainda haverá democráticos, correligionários do sr. Domingos Pereira?

Ainda haverá republicanos que se prestem a colaborar nesta farsa a que, certamente por ironia, se chama república?

Com as minhas saudações mais fraternais às verdadeiras forças vivas, que são os que trabalham e produzem, me subscrevo—Serra Frazão.

## Associação de Classe Eborense dos Pedreiros Construtores

A comissão administrativa da Associação de Classe Eborense dos Pedreiros Construtores protesta energicamente contra o assalto seguido de roubo de que foram vítimas os organismos operários com sede na calçada do Combrio, em Lisboa, levado à prática por um bando de facinorosos.

## Federação Corticeira

A Federação Corticeira, em sua última reunião, aprovou um energético protesto contra o assalto à sede da C. G. T.

## O protesto dos partidos políticos

Ontem à tarde foi recebido na nossa redacção o seguinte telegrama: SEIXAL, às 13.30 horas.—O partido republicano radical do Seixal refúgio protesta contra o assalto à sede da C. G. T. —José Macedo.

DENTES ARTIFICIAIS a 25000. Extrações sem dor a 15000. Concertam-se dentaduras em 4 horas a 20000. Dentaduras completas sem placa em «cauchú». Consultas das 11 da manhã às 8 da tarde.

MARIO MACHADO

R. Garrett, 74, 1.ª (Chiado)

## TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

### No Apolo

O drama «O Saltimbanc» de António Enes

Está bem no velho palco do Apolo a peça de António Enes «O Saltimbanc». Drama de velhos moldes clássicos, de dialogação forte e emocionante servido por um estilo empolado e romântico, cenas preparadas como convinha à psicologia das plateias de então, «O Saltimbanc» fez ainda, agora, chorar muita gente que julga ver na realidade o que se está passando em scena.

Deste *coup à passer* vive o drama de Enes, daí o acentamento que ele logrou numa sala repleta que aclamou com entusiasmo o intérprete masculino *Fala só*, a que Alves da Cunha soube dar todo o relevo do seu belo talento. Personagem feito do contraste entre o riso e a lágrima, entre a comédia sublimada, só um actor com as faculdades histriónicas notáveis de Alves da Cunha venceria as dificuldades de o assalto e conseguiria, depois de António Pedro e Joaquim de Almeida, marcar o seu lugar de modo a não acusar um desfalecimento, a não deixar perder um pormenor. Confessamos não ser este o género de teatro em que mais apreciámos Alves da Cunha, mas por isso mesmo admiramos a sua curiosa maleabilidade que lhe permite desempenhar com o mesmo grau de observação as «Duas Causas» e «O Saltimbanc».

Berta de Bivar, que é uma actriz conscienciosa e sóbria, patenteou-nos progressos. Deve ser bem a «Alice» que António Enes sonhou.

Abílio Alves, bom tipo de galã, é um artista de futuro, tem, contudo, que perder o feito acaçado que por vezes apresenta e de que as mãos são sempre uma embaraçosa defesa.

Lino Ribeiro correcto, Maria Isabel demasiado preciosa, Branca Riquetti galante. Os outros artistas conscienciosos. A direcção artística de Araújo Pereira proficiente. O cenário do 2.º acto errado na proporção das figuras a respeito das dimensões do lambri.

### Nogueira de BRITO

No Maria Vitória Uma festa de consagração ao Fado

Realiza-se amanhã, pelas 15.30 horas, no Teatro Maria Vitória, uma *matinée* de consagração ao Fado, em que tomam parte os mais valiosos elementos da Canção Nacional e de homenagem ao guitarrista Armando Augusto Freire (Armandinho) e cultuador do fado Alfredo dos Santos.

O programa que é atraente constará do seguinte:

1.ª parte.—«Ouverture pelo quarteto». Rapsódia de fados por um grupo de guitarristas, sob a direcção do guitarrista «Armandinho»; «Canção Nacional» pelos deca-nos cultivadores do fado «Quintinhos Bombeiro» e «Pereirinha» e «Fortunato Coimbra»; «Variações à guitarra» pelo guitarrista Salvador Freire, acompanhado pelo viola Abel Negrão, e «Fado Jocosos» por Artur A. Rodrigues.

2.ª parte.—«Variações pelo homenageado» que tocará um fado dedicado à digníssima assistência, acompanhado pelo viola Abel Negrão; «Canção Nacional» pelos cultivadores Joaquim Campos, Júlio Prouença, Raúl Ceia e uma cantatriz N. N. Fado «Tango» cantado por Joaquim Campos, fado de «Evora» por Júlio Prouença, o «Corrido» por Raúl Ceia, do «Algarve» por N. N.; «Solo de viola» pelo violista Francisco F. Júnior, discípulo do professor de viola Mata Gonçalves, que executará um dos melhores números do seu vasto repertório.

3.ª parte.—«Variações» por «Armandinho»; «Canção Nacional» pelos cultivadores José António da Silva (Bacalhau), António Lado, Mário Martins, Raúl Brinquel, e o homenageado Alfredo dos Santos, que cantará uma alusão glorificando o Fado, «Fado Bacalhau», cantado por António José da Silva (Bacalhau); fado «Saudeira», por António Lado; fado «Cristal», por Mário Martins; fado «Corrido», por Raúl Brinquel; fado «Dois tons», por Alfredo dos Santos.

Por especial deferência para com os homenageados, prestou-se gentilmente a a-brilhantar esta festa a distinta actriz cantora Zulmira Miranda que cantará um dos seus mais belos fados.

«Um acto de cabaret» por diversos artistas de Teatro que obsequiosamente se prestaram a colaborar nesta festa que é a consagração do Fado.

Dirige este espectáculo o decano dos cultivadores do Fado sr. Custódio Nunes.

## Sociedades de recreio

Sociedade Filarmónica Alunos de Apolo—Hoje e amanhã e em favor do cofre social, realizam-se nesta colectividade de grandiosas festas com o concurso do grupo dramático Academia Recreativa Nacional.

Grupo Dramático Solidariedade Operária—Realizando-se no dia 17, às 21 horas, a festa em auxílio das famílias dos deportados, pede-se aos possuidores de bilhetes a fineza de liquidarem os mesmos hoje, das 20 às 23 horas.

Sociedade Operária de Instrução e Recreio «Educação do Povo». —Conforme estavam anunciados, realizaram-se nos dias 3, 4 e 5 de Outubro as festas comemorativas do aniversário da sua fundação. Além do programa, houve também festa da flor, destinando-se o produto desta a favor da construção dum palco no edifício onde está instalada a escola. Do respectivo programa constava também uma exposição de trabalhos escolares executados pelos alunos, os quais revelaram as qualidades educativas da sua professora, sr.ª D. Isaura dos Anjos Abreu, co-operadora valiosa da grande obra que gente doada de vontade pensou levar a cabo um pouco distante do bulício das cidades.

Uma coisa interessante se observou naquela festa íntima: não se vendiam bebidas alcoólicas de qualidade nenhuma; simplesmente se vendiam refrescos.

Abrihantou as festas a Filarmónica Azarufense e não a Banda de Amadores Eborense de Música, como erradamente dissemos.—C.

A sair por estes dias a 8.ª SERIE DE OS MISTÉRIOS DO POVO

Interessante romance histórico profusamente ilustrado desde as primeiras idades do homem até à revolução Francesa.

Assinatura: pelo correio cada série de 10 tomos com cerca de 320 páginas 0\$00. A obra mais barata que no género se publica

## A Guarda Republicana assassinou friamente em Táboa um homem quando caçava

A população indignada contra o assassínio esteve para linchar os bandidos

Desde que a Guarda Nacional Republicana, com a função de manter a ordem, foi destacada para várias vilas do país logo o desassossego se apoderou das respectivas populações. São inúmeros os crimes praticados pela G. N. R. no decurso da sua trágica existência. Agora, sem que a imprensa dele tivesse feito eco, consumou-se em Táboa um bárbaro crime que vitimou um pobre homem que tranquilamente caçava.

Apenas no *Jornal de Táboa* fomos encontrar a narração do sucedido nos termos que a seguir reproduzimos e que daquele jornal extraímos:

«Pelas 12 horas do dia 20 do mês findo começou a correr nesta vila que três soldados da guarda republicana tinham encontrado o cadáver de um homem nas matas da Foz do Rio Cavalos, e suspeitou-se logo de que se tratava de um crime praticado pelos mantenedores da ordem, o que se verificou».

«O morto era o abastado proprietário da Parada, conchelo do Carregal, sr. José Nunes Cândido de Oliveira, de 59 anos, casado, com oito filhos, que de manhã tinha saído de sua casa, armado com uma espingarda e acompanhado de dois cães para caçar sem as precisas licenças.

As guardas na sua participação às autoridades dizem que o seu camarada António Cruto correu sobre o Cândido para o prender, e caiu, disparando-se-lhe a espingarda com tanta infelicidade que matou o infeliz, mas ninguém acredita esta explicação.

«A arma do Cândido não apareceu e é de presumir que o caçador surpreendido pelos guardas a muitos metros de distância, visse a possibilidade de fugir à multa e tivesse escondido a espingarda, confiando nas pernas, para rapidamente se livrar dos seus perseguidores».

«E o Cruto vendo a presa escapar-se, impulsivo e mau, fez fogo, prostrando o desgraçado».

«Esta reconstituição do crime é de aceitar, porque o Cândido tinha ao seu lado as chancas, que trazia calçadas, tendo-as tirado para correr com maior velocidade».

«A autópsia foi feita pelo dr. sr. José da Costa Gaio, e mostrou que a bala entrou por uma nádega, atravessou os intestinos em cinco pontos e depois de fazer grandes estragos saiu pelo ventre».

«O Cândido era um homem robusto prometendo ainda uma longa vida, e devia ter sofrido muito antes de expirar».

«Este crime indignou toda a gente, e mais de um cento de pessoas foram ao pósto da guarda na intenção de fazer justiça sumaria, evitando a energia e a prudência do sr. cabo Sousa lamentáveis excessos».

«Os dois cães, que acompanhavam o infeliz, não abandonaram o seu cadáver, seguindo-o até ao cemitério desta vila».

«O cadáver do Cândido foi metido em caixão de chumbo e conduzido para Parada com um grande acompanhamento de conterraneos».

«Este crime indignou toda a gente, pois só uma alma perversa se atreve a fazer fogo sobre um homem desconhecido, sem provocação e sem a desculpa de qualquer delito, e todos desejam a extinção do pósto da guarda republicana neste conchelo».

«É interpretando estes sentimentos a Câmara telegrafou e oficiou para que eles sejam satisfeitos».

«E de esperar que o Governo defira o pedido, para evitar factos lamentáveis. Nova violência de qualquer soldado da guarda provocaria graves represálias, e a prudência aconselha que se não crie uma situação irreversível entre o povo e as autoridades».

«O assassinado, como o leitor viu, não é um operário. Trata-se, bem pelo contrário, dum capitalista, mas isso não nos leva a esquecer a sua qualidade de homem que não pode estar à mercê do banditismo da G. N. R. Que meditem bem neste facto os incrédulos e verifiquem quanto de justas têm as nossas campanhas contra os desmandos da força pública».

## INSTRUÇÃO

### Empregados de Escritório

Continuam abertas as matrículas para a admissão de alunos no 1.º ano do curso de profissional de escritório constituído pelas disciplinas de português, francês, inglês, contabilidade e escrituração, e que funcionará no próximo ano lectivo na sede da Associação dos Empregados Escritório, rua da Madalena, 225, 1.ª, onde se prestam esclarecimentos em todos os dias úteis, das 21 às 23 horas.

Associação de Classe dos Caixaeiros de Lisboa

A Direcção e a Comissão de Instrução, comunicam aos associados e a todos os empregados no comércio de Lisboa, que se encontram abertas as matrículas para as seguintes disciplinas: instrução primária, português, francês, inglês e escrituração comercial. Mais comunicam que atendem os colegas todos os dias úteis, das 21 às 23 horas.

### Festas do Estoril

#### Combóio extraordinário

Em virtude de se iniciar às 3 horas da tarde a corrida de automóveis no Parque Estoril, efectuar-se-á hoje o combóio rápido que parte do Cais do Sodré às 2 horas e 5 minutos.

### Coliseu dos Recreios

HOJE-A'S 21 horas (9 da noite)-HOJE

Os melhores e mais sensacionais trabalhos da GRANDE COMPANHIA DE CIRCO

Reaparição dos engraçadíssimos clowns

FRATELLI e FERRONI

Graça: Alegria: Prazer

O melhor e mais barato espectáculo de Lisboa

AMANHÃ — Grandiosa matiné

Bilhetes à venda

## «A Batalha» na província e arredores

### Faro

#### A exploração dos intermediários

FARO, 8.—A «maneira como o público é explorado pelos intermediários na venda do peixe obriga-nos a chamar a atenção do comissário dos Abastecimentos para este caso».

Como deve ter conhecimento, foi em tempos nomeada uma comissão encarregada de fiscalizar a venda do peixe, para que não houvesse abusos nos preços por parte dos intermediários. Porém, esta comissão não tem dado resultado algum pelo facto do comissário dos Abastecimentos não dar à mesma plenos poderes, visto que, existindo uma tabela de preços para todas as qualidades de peixe, a mesma não é cumprida como o vamos provar:

No passado dia 4, vimos um tal José Chora, um indivíduo de baixos sentimentos e a prová-lo está ter o mesmo na última greve dos marítimos vendido a dinheiro, contribuindo assim para a miséria de alguns fragateiros que ficaram sem trabalho —expoliar o público duma forma revoltante.

Como jámos dizendo, este cavalheiro deixou o trabalho e arvorou-se em vendedor de peixe, de comandita com um outro que deixou de ser cordeiro para se entregar à exploração do povo. Este último é conhecido pelo «Pai da Praça». Ambos tiveram o desprazer de venderem um cento de carapaus de 4\$00 a 10\$00, quando nesse próprio dia o preço do quarterão estava a \$80.

Assistimos a isto indignados. Esta exploração revoltou-nos, porque resulta serem os pescadores acimados de gananciosos pela população, quando os únicos responsáveis são estes e outros intermediários sem escrúpulos.

Esperamos que o comissário dos Abastecimentos se digne conferir plenos poderes à comissão encarregada da fiscalização dos preços da venda do peixe, a fim de terminar com esta especulação. —Manuel J. Marão, marítimo sindicalista.

## Vila Nova de Gaia

### O protesto das «forças vivas»

VILA NOVA DE GAIA, 8.—Real









## Uma exposição comovedora da repressão contra o operariado de São Paulo, apresentada ao sr. Albert Thomas para que não alegue ignorância

Quando da visita do sr. Albert Thomas à cidade de São Paulo, «Um grupo de operários» entregou-lhe uma carta que abaixo transcrevemos, na qual é exposta clara e sucintamente a situação do operariado daquela cidade. Não existe o direito de reunião ou coligação, a liberdade de pensar ou escrever, os jornais não podem circular livremente, a polícia assalta os sindicatos operários e as bibliotecas não podem funcionar; não existe o menor respeito pelo trabalho das mulheres e dos menores, tornando-se insuportável a sua situação. Uma repressão feroz e arbitrária paira sobre as classes trabalhadoras de São Paulo.

Eis o documento:

«Ex.<sup>ma</sup> sr. Alberto Thomas, Presidente do Departamento Internacional do Trabalho da Liga das Nações.—Respeitosas saudações.

No momento em que vós pisais as terras da capital paulista — o maior centro industrial da Federação Brasileira, onde se aninham, aproximadamente, cerca de 200.000 operários — não poderíamos deixar passar despercebida perante vós a verdadeira situação do proletariado brasileiro, e principalmente, a do paulista.

Nesta viagem que estais empreendendo através do Continente Sul-Americano, no intuito, cremos, de estudar e observar os vários sistemas de trabalho e as organizações operárias a fim de melhor ampará-los sob o beneplácito do Departamento, do qual sois seu esclarecido presidente — pretendemos nesta carta (já que não é permitido de outra forma chegar até a vossa illustre e respeitável personalidade por motivos que abaixo esclarecemos) — deixar patente, aos vossos olhos, a nossa verdadeira situação de operários, nestas plagas tão esquecidas ainda dos princípios socialistas, de cujas liberdades o proletariado da Europa usufrui, muito graduado em reacções que lá se verificam.

A fim de não molestar a vossa benigna atenção, sem mais delongas, sintetizaremos o que se passa aqui e como vive o proletariado do maior centro industrial do Brasil.

Senhor: Talvez julgáreis ser muito ao ver aqui descrita a angústia que suporta tão cruelmente o proletariado de São Paulo. Talvez, acostumado a respeitar os fundamentos básicos da estrutura das organizações trabalhadoras, duvidéis da verdade clamorosa a que estão submetidos os impulsionadores — mártires heróicos — da indústria desta capital.

«Aqui, senhor, não existe o direito de associação. Criaram-se «leis de excepção» onde o estrangeiro que pleteia seus interesses com as armas da greve pacífica, é incontinentemente deportado; e as associações de classe a polícia tem a faculdade de fechá-las quando assim entender, sem que ao menos haja motivos plausíveis.

«Além disso, os que pretendam defender seus interesses através do apoio de sindicatos de resistência. Serão presos, metidos nas mais húmidas enxovias policiais, de portados para os sertões bravos do nordeste brasileiro, espancados, humilhados...»

«Aqui, em São Paulo, como tereis oportunidade de observar, das variadas e enormes indústrias é limitadíssimo o número de sindicatos que funcionam.

«Estes mesmos, são terminantemente proibidos pela polícia de realizarem as suas reuniões corporativas e assembleias. As tipografias que por acaso se aventurarem a imprimir, para tais associações, simples convites de festas recreativas operárias, são interditas pela polícia e suas portas serão fechadas. Chegam ao ponto as organizações operárias, de fazerem seus comunicados a cada um de seus associados em cópias dactilografadas, porque os próprios jornais estão proibidos de dar qualquer coisa de tanto quanto se refere ao operariado!

«A imprensa proletária, máxima a de tendência libertária, é apreendida no correio, não se lhe permitindo que circule livremente.

«E de notar, senhor, que o proletariado de São Paulo, até esta data, não se envolveu em enchevolos políticos, nem tão pouco aninha em seu seio princípios que não sejam a defesa exclusiva da sua vida económica, e das poucas e raras greves que aqui se manifestaram, todas elas foram de carácter extremamente pacífico.

«Os sindicatos ora existentes, em número aliás insignificante, são, assim mesmo, impedidos de defenderem a situação depremente de seus filiados, porque a greve neste país tornou-se um crime, pois que a lei castiga quem se envolver nela. As bibliotecas das organizações operárias são constantemente saqueadas pela polícia, como poderemos, documentadamente, com fotografias e outras provas, afirmar. O último saque que as organizações operárias tiveram foi em fins de julho de 1924, por ocasião da sedição militar aqui verificada, e de cuja conduta os operários foram de uma imparcialidade incorruptível, não se imiscuindo nestes factos.

«Por diversas vezes as organizações tentaram fundar a Federação Operária que conglobasse em seu regaço todos os sindicatos da capital. Foram, porém, infrutíferas essas tentativas, pois as autoridades policiais não consentiram e não consentem ainda a força unificadora dos sindicatos operários.

«Os operários, recados, que representam numericamente a maior força de São Paulo, não possuem a devida união, porque lhes é perentoriamente impossibilitada pelos factores já citados, devido simplesmente terem obtido ganho de causa numa greve verificada em 1917. De então para cá a reacção policial, a fim de bem servir os interesses dos industriais, cerceia não só a liberdade à possante quantidade numérica dos tecelões, como a todos os demais artífices que se queiram organizar em sindicatos de resistência.

«Aqui, senhor Albert Thomas, a questão social — como tão bem se exprimiu o dr. sr. Washington Luis, então presidente do Estado de São Paulo — «é uma questão de polícia», e como tal, conforme o dr. sr. Eoi-

tácio Pessoa, ex-presidente da República, «no Brasil não existe a questão social».

«Ficaria ao vosso critério, senhor, o juízo destas frases pronunciadas por estadistas que no estrangeiro decantam a vida dourada em que se deleita o proletariado brasileiro...

«Vós, senhor, nesta visita de inspecção fidei, devidamente acompanhado pelos membros do governo, visitar as raras casas de trabalho chamadas modelares, — pingos de água no imenso oceano — mas os grandes estabelecimentos, e os médios que são em grande quantidade, não vos será permitido visitar, devido talvez a escassez de tempo que aqui permanecéis, e não vos será dado de visu constatar todas as mazelas, todos os horrores, o cortejo, enfim, das misérias sociais aqui tão purpureamente decantadas.

«A exploração dos braços infantil e feminino sistematizou-se entre nós numa forma desumana. Não se respeitam idades nem condições físicas aptas ou não para o trabalho cotidiano. Crianças, menores de 12 anos, são torpemente aproveitadas nos mistérios mais rudes e ingratos, como, por exemplo, na fabricação de vidros, etc. O trabalho nocturno é imposto numa forma obrigatória.

«Para confirmar-vos estas asserções citaremos um doloroso facto que bastante e profundamente repercutiu no sentimento do povo, dando ensejo aos escritores fazerem até literatura. Duas crianças trabalhavam numa fábrica de tecidos durante todo o dia, prolongando esse esforço até altas horas da noite. Sentindo-se cansadas, em certa noite, foram as crianças, burlando a vigilância dos mestres, procurar um lugar nos fundos da fábrica a fim de reanimarem o débil organismo das fadigas do trabalho. Sentaram-se e, nessa inactividade, o sono, pesado, assenhoreou-se de ambas, cerrando-lhes as pálpebras. Brutalmente acordadas, esbaldaram os olhos e viram-se entre os dentes apunhaladores de ferozes cães policiais, vigias do estabelecimento. Essas inocentes criancinhas, que não suportando o excesso de trabalho, serviram de pasto para os cães, ainda não abrandaram a insaciável sede dos industriais em seus propósitos de enriquecerem mesmo à custa do sangue do proletariado infantil!

«As mulheres então são torpemente exploradas, dolorosamente exploradas, nem sequer se lhes respeitando os últimos meses de gravidez. Houve já uma fábrica, aqui em São Paulo, onde uma pobre operária deu vida a um ser em pleno trabalho...

«Quando alguma personalidade ilustre estrangeira aqui aporta e pretende visitar os diversos estabelecimentos, industriais, estes, um dia antes, são advertidos, (como por ocasião das inúmeras visitas que o general brasileiro dr. Eduardo Socrates fez neste ano), e as crianças de menor idade são licenciadas nessas dias.

«Vós, senhor, não formareis excepção a esses ardis, já tão conhecidos por vós. Mas, o vosso espírito clarividente, o vosso arguto olhar, crêmos, penetrará nestes labirintos tão magicamente preparados, porque vós sabeis onde se encontram os verdadeiros operários, aqueles que sofrem e anseiam, no tenebroso caos em que são atirados, sem uma nesga de luz, sem uma partícula de liberdade.

«Querizamos, senhor, sentir o vosso contacto a fim de sentir das nossas dores. Mas, para não expormos à ira das autoridades policiais os nossos minguidos e enfraquecidos sindicatos, limitamo-nos apenas, nesta missiva, a descrever-vos o que não podemos falar.

«Acreditai, senhor, no que aqui está peticamente esmiuçado. Sai das mãos calosas dos que eternamente trabalham, cujos lábios não podem mentir.

Um grupo de operários.

### Pela Fábrica Napolitana

Um encarregado modelar que gosa das simpatias... dos seus patrões

O pessoal da fábrica Napolitana, por razões que a gerência daquela casa não explicou, passou a trabalhar apenas 3 dias semana. Como não se conformasse com a ordem dirigiu uma reclamação à referida gerência no sentido desta determinar a volta ao trabalho semanal de 6 dias. Como resposta foi dito aos operários daquela casa que se dirigissem ao ministro pedindo o aumento das contribuições da massa estrangeira. Como indigna a proposta foi rejeitada e o pessoal ficou a 3 dias, mas desta vez obrigado a fazer serão sem vantagem alguma. Quem mais arrogante se apresentou em defesa desta medida foi o encarregado Manuel da Silva, um serventório às ordens da gerência e a quem esta retribuiu com a concessão de poder fazer 7 dias por semana.

E sob este regime se encontram aqueles operários a quem a crise de trabalho faz suportar a tirania deste reles encarregado.

### Comissão Pró-regresso dos Deportados

Na sua reunião efectuada ontem constata-se ainda que, apesar da propaganda desenvolvida sobre a ilegalidade em que se encontram os deportados da Guiné e Cabo Verde, todas as autoridades que no assunto devem ter interferência — no sentido pelo menos de manter o respeito pelas leis, como eles querem — se mantêm num cómodo silêncio, silêncio este que vai dia a dia produzindo mortes.

A continuar assim é de esperar que dentro em pouco já tenham perecido todos para maior glória desta «República Democrática» a transbordar de «democratas» por todos os lados!

Todavia a comissão Pró-regresso dos Deportados realiza na próxima terça-feira, pelas 21 horas a quarta conferência em que será orador o dr. Orlando Marçal que versará sobre «A arbitrariedade das deportações sem julgamentos».

## Funcionalismo público

O Congresso Internacional do Funcionalismo e o seu desinteresse em Portugal

Noticiaram os jornais estrangeiros, ultimamente aqui recebidos, que, com larga representação de todos os países da Europa, se estava realizando em Paris um importante Congresso Internacional de Funcionários Públicos.

Segundo relatam os referidos jornais, foi objecto de particular atenção dos congressistas o horário de trabalho, a unificação de vencimentos e qual a situação do funcionalismo numa possível mudança de sistema governamental ou mesmo numa revolução internacional sindicalista. Não sei, porque isso não informam os referidos jornais, quais as resoluções finais desse Congresso, nem tampouco se nele se fez representar Portugal pelos vizinhos espanhóis, o que é muito provável, dada a confusão em que muitos vivem sobre a situação geográfica de Portugal, que chega a ser conhecido como uma provincia de Espanha. Porém, não será demais profetizar que as suas conclusões visam sobretudo à necessidade urgente e inadiável do funcionalismo útil se ir preparando para o amanhã dum futuro melhor desembaraçado das pelias dum política que o tolhe e dum Estado que o manietta, desempenhar a sua missão com proveito geral da comunidade e das necessidades humanas.

Em Portugal, alguém o afirmou há muito, a missão do Estado cada vez irá sendo mais restrita e tempo virá em que ela consistirá apenas na divisão da justiça, pela sociedade, a pesar de todos os seus saltos bruscos e retrogrados, cada vez colocará mais o indivíduo ao nível necessário para dispensar os serviços que julga o Estado prestar-lhe. Esse alguém foi um monárquico, em que os interesses da monarquia não foram o suficiente para ele calar aquilo que os nossos democráticos de hoje consideram um crime, tão grave e perigoso que só a «legião vermelha» poderia cometer, no entanto essa grande verdade, que presentemente seria tida como a mais terrível confissão de fé anarquista-sindicalista ainda até agora não logrou ser ouvida pelos nossos funcionários, daí o seu desinteresse e a sua desunção.

Existem na verdade bastos sindicatos, mas desde que existem apenas um ou outro pela maneira levantada e enérgica como se impõe e procura defender os direitos dos seus agrupados, se pode considerar; os outros, aqueles que ontem marcavam um lugar de destaque e os próprios governos admitiam como uma força organizada, já desapareceram ou vivem dispersos, e, assim, nem uns nem outros conseguem marcar aquela força que serviria a torná-los grandes e respeitados.

Os defecistas, aqueles que a sôdo de alguém ou por sua espontânea vontade conseguiram infiltrar-se nos vários sindicatos do funcionalismo para os desviarem da rota que os devia conduzir até à emancipação da política, podem na verdade bater as palmas de contentamento, pois que não obstante a sua obra de negação aos princípios associativos, conseguiram alcançar o fim almejado com geral aprazimento das forças conservadoras e até dos próprios prejudicados.

E certo que, por vezes e como que a querer libertar-se deste meio verdadeiramente apático e dormiente em que se permanece, aparece uma ou outra classe, como ainda há tempos a do professorado liceal, mas por mais fortes que sejam os argumentos que se apresentem não conseguem romper com essa política vesga e torpe, que diariamente por uma forma assas escandalosa para aí se exerce; e, tanto assim, que nem esta que visava um fim bastante grandioso — a Federação Nacional — logrou passar.

A não comparação dos delegados portugueses ao Congresso Internacional do Funcionalismo e a continuação do seu alheamento da Federação está plenamente justificada pela indiferença com que o nosso funcionário encara a sua própria situação; discutiram-se, é certo, assuntos de capital interesse como sejam o horário de trabalho e unificação de vencimentos, mas que importa isso a um funcionalismo que se julga superior a todas as coisas e que se opõe terminantemente a unificação porque essa unificação vai beneficiar os mais humildes?

Que importância pode ter um Congresso Internacional para quem se não preocupa com os nacionais? E facto que nele se tratou da situação do funcionalismo numa natural renovação social, mas que representa isso para quem tem praça assente na irmandade «do amanhã se Deus quiser»? Nada! Superior a isso tudo é a política, aquela política do enxovalho, do insulto, que ora se manifesta na Praça de Belém, ora se mostra nas salas alcaforçadas dos centros! Superior a tudo isso, é o senhor José Domingues dos Santos ou António Maria da Silva, o grande Cunha Leal ou o alto Procópio de Freitas; o mais é nada, é zero e se alguém reclama, se alguém critica os desmandos e os atropelos ou as grandes protecções que se fazem a uns em prejuízo de outros é olhado com crítica venenosa, vem a insidia de que talvez queira ser administrador geral ou coisa equivalente, como se qualquer dessas coisas fosse apenas privilégio dos que se arrumam à política e aos seus protectores. Mas até quando durará tudo isto?

Paulo EMILIO

### Pessoal assalariado do Estado

Vai ser-lhe aplicado o decreto dos duodécimos?

Foi dada ordem a todas as repartições públicas onde haja empregados jornalheiros ou assalariados, para se cumprir o decreto n.º 11.054, de 1 de Setembro último, que mandou reduzir de 10 0/0, o vencimento desse pessoal.

Fica, assim, sem efeito, o que o ministro das finanças disse há dias a uma comissão de assalariados do Estado, que ia mandar fazer uma aclaração ao citado decreto, no sentido daquela redução ser feita apenas nos salários e jornais do pessoal, admitir depois do dia 1 do corrente mês.

Lede o Suplemento de «A Batalha»

## A atitude da Federação Marítima

Uma entrevista que pela prosa e pelo jornal em que foi inserta define bem atitudes

Na nossa mesa de trabalho tombaram ontem os vários cotidianos. Percorremos-os com a vista e detivemo-nos sobre um título sibilino: «Os marítimos contra a C. G. T.». Para connosco dissemos: — «O Marítimo, órgão da F. M. Porém estranhámos o formato, o tipo, e desdobrámos o periódico... Era O Século, o órgão das forças vivas, que dava à estampa uma sensacional entrevista, colhida de dois fervorosos adeptos da «unidade sindical», e salpicada com pitadinhas de veneno do recipiente que no-la apresentava.

### Um ataque à BATALHA

Lemos a entrevista desses «dois categorizados elementos da Federação Marítima» com amargor, pela irritação do destino que levou dois homens despeitados a atacarem a C. G. T. e a Batalha no mesmo jornal que não encobriu o seu regosio pelo assalto, ultimamente perpetrado pela polícia, contra a sede da central operária.

Cassim a máscara e provado fica que para atingir seus fins, esses elementos dissolventes não vacilam em dar o braço aos mais fideis inimigos da organização operária. E, pois, pela boca de O Século que tal gente bolsa sobre A Batalha as maiores insidias, as mais baixas calúnias. A sua baixa correspondência ainda a nossa alma, com a tranquilidade de quem tem sabido cumprir um dever.

Acusa-se-nos de termos provocado a scião, principiando por deturpamos o noticiário das classes marítimas, mas não se diz que muitas vezes A Batalha, pacientemente, se deu a compor discursos e comunicados que os seus detractores não souberam escrever. Todos os movimentos dos marítimos — nem preciso seria afirmá-lo — tiveram nestas colunas todo o carinho e toda a expansão. E numa grotesca e miserável deturpação da verdade, alude-se à «violenta campanha» feita pela Batalha contra os seccionistas entrevistados, quando, afinal, toda a gente honesta poderá testemunhar que única e cautelosamente temos cedido nossas colunas a artigos escritos por marítimos justamente discordantes da atitude da F. M.

Pois que o fiquem sabendo os conspícuos fornecedores de venenosa prosa ao órgão das «forças vivas»: A Batalha tem arquivado alguns artigos de justo ataque aos dirigentes da F. M., que não quis publicar por os achar demasiado incisivos.

### Contra a C. G. T.

Já há tempo o Século se serviu de uma calúnia inserta em O Marítimo contra a C. G. T. para fazer a sua propaganda anti-proletária e de combate ao movimento da luta de classes.

Apenas coincidência? Sim, talvez, mas não deixa de ser uma triste coincidência. Na entrevista, os militantes da C. G. T. são acusados de dogmáticos, de intolerantes, etc., etc.; porém, quem acusa? Criaturas que desceram até às colunas do jornal inimigo máximo de toda a organização operária, inclusive da dos marítimos.

Afirmam os entrevistados, António Pinto dos Santos e Luís Veríssimo, que a sua Federação tem 30.000 (trinta mil) aderentes e que está recebendo a adesão de quasi todos os sindicatos marítimos.

A mentrola é boa para as colunas do mentidiro Século; porém, os informadores não se atreveram sequer a citar quais são os poderosos sindicatos de que falam...

E o mais o tempo o dirá...

## No Douro, terra maldita, a Força encerrados alguns postos de abastecimento de peixe

Foi-nos enviada a seguinte nota:

«O major sr. Sá da Costa a cargo de quem ainda se encontram os serviços de abastecimento de peixe por intermédio dos postos reguladores de preços, mandou encerrar alguns dos referidos postos, por virtude de ultimamente terem surgido constantes reclamações contra a forma como o público ali é servido e ter sido reconhecida a inconveniência de continuar mantendo esses estabelecimentos sem uma rigorosa fiscalização, aliás impossível de se exercer, por ser extremamente dispendiosa.

Em consequência da referida deliberação do dia 14 do corrente em diante deixam de funcionar os postos que existem nos seguintes locais: Oeiras, Carcavelos, São João do Estoril, Monte Estoril, Cascais, Parede, Belas, Agualva, Charneca, Ameixoeira e Chelas.

Os postos que funcionam na Ajuda, bairro novo da Lapa, Terreiro do Trigo, rua Maria Pia e Moscavide são também encerrados, por não terem movimento de vendas.

## AS GREVES

### Foi suspensa a greve dos Tanoeiros de Vila Nova de Gaia

A greve dos Tanoeiros de Vila Nova de Gaia, lançada com denodo e coesão, vem de ser suspensa por virtude de ter esta classe sido atendida nas suas justas pretensões.

Ontem, pelas 2 horas, reuniu a classe na sua máxima força para apreciar as demarches effectuadas, tendo sido aprovada uma moção convidando a classe a retomar o trabalho na segunda-feira, 12.

Amanhã daremos mais desenvolvidos informes. — C.

organizados! Cuidai dos vossos irmãos do Douro! Sede os seus tutores, enquanto o seu cérebro, como o das crianças, não tenha o necessário desenvolvimento para assimilar os grandes ideais de emancipação humana! Vinde até ao Douro, a região maldita em que a parasitagem, pululando por toda a parte, oprime e explora infamemente o vosso irmão, o trabalhador rural! Dai-lhe com a vossa palavra quente a luz bendita da Verdade!

Camilo TEIXEIRA

## Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

Federação do Livro e do Jornal. — Reuniu o secretariado que ultimou os seus trabalhos para dar posse ao que o substitui no próximo dia 16.

Resoluiu reunir juntamente com a comissão organizadora do Congresso dos Trabalhadores do Livro e do Jornal no próximo dia 14, pelas 18,30, a fim da mesma ultimar os seus trabalhos.

Pessoal da Exploração do Pôrto de Lisboa. — A comissão delegada deste organismo conferenciou ontem com o administrador geral, acerca das reclamações da classe, prometendo o sr. Rodrigues Gaspar estudar o assunto. A comissão veio muito bem impressionada com a atenção daquele senhor.

CONVOCAÇÕES

REUNEM-SE HOJE:

Sindicato Unico Metalúrgico. — Secção do Pão do Bispo. — Pelas 20,30 horas, a comissão administrativa e juntamente os cobradores da área.

Impressores Tipográficos. — Pelas 21 horas, a direcção deste Sindicato para continuação dos trabalhos pendentes.

Trabalhadores do Tráfego. — Pelas 20 horas, em assembleia geral, com a seguinte ordem de trabalhos: leitura do relatório dos delegados ao Congresso Confederal e à Conferência Marítima e apreciação do parecer da comissão revisora e da circular da Federação Marítima.

Comissão Mista de Propaganda Sindical do Alto do Pina. — Pelas 21 horas, para tratar de assuntos urgentes.

Sindicato da Construção Civil. — Secção do Alto do Pina. — Pelas 21 horas, a comissão administrativa, e o camarada Mário da Silva.

— Pelas 20 horas a comissão revisora de contas.

Federação do Calçado, Couros e Peles. — Comissão administrativa pelas 17 horas e meia, para assunto urgente.

Manufactureiros de Calçado. — A's 21 horas, assembleia geral para apreciar a crise de trabalho.

DIAS PRÓXIMOS:

Federação Corticeira Nacional. — Reúne amanhã, o Conselho Federal pelas 13 horas; a comparência de todos os delegados directos e indirectos é indispensável.

Associação da Construção Civil de Linda a Pastora. — Para se ocupar de assuntos de grande importância e urgência reúne amanhã, pelas 14 horas, em assembleia geral.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Núcleo de Lisboa. — Reuniu ontem a assembleia geral tendo apreciado devidamente o assalto ao Nucleo e tratado de assuntos de organização, ficando suspensa a sessão para o próximo dia 15 com a mesma ordem de trabalhos.

## Os padeiros de Almada opõem-se à baixa do preço do pão!

ALMADA, 9. — O que se passa com os industriais de padaria é simplesmente inconcebível. Apesar de as farinhas terem baixado de preço, o preço do pão ainda não sofreu alteração, procurando-se todos os motivos para que tal não se consiga. Ainda ontem a padaria pertencente à Sociedade Aliança pretendia baixar o preço do pão. Conhecedores do facto, os «honrados» padeiros, pela calada da noite como qualquer grupo de malfetores, constituiram-se em comissão que procurou o gerente daquela padaria, ameaçando-o de, no caso de tal diminuição no preço do pão se verificarem, os padeiros do concelho de Almada já mais levantariam farinhas pertencentes à Sociedade Aliança.

E' claro que a referida sociedade vende em perigo a venda de farinhas arripou caminho e o preço do pão ficou como estava.

Estas constantes provocações de que é vítima a população de Almada criaram um estado de espírito inquietante e oxalá que as suas consequências não sejam tão funestas como funesta é a fome! — C.

## SOLIDARIEDADE

Pró-Manuel Pinheiro

Promovida por uma comissão de amigos, realiza-se hoje, no Salão de Festas da Construção Civil, uma grandiosa festa em homenagem a Manuel Pinheiro, subindo à scena o drama «O ladrão» e as comédias «As informações» e «Zazá». Termina o espectáculo com um acto da canção nacional e variações à guitarra por um distinto guitarrista.

Os poucos bilhetes que restam encontram-se à venda na casa do continuo da sede.

Pró-deportados

A comissão que levou a efeito a festa de solidariedade a favor dos deportados José Vargas Júnior, António Dias e Pedro Guia de Oliveira, pede aos camaradas que ainda não liquidaram os seus bilhetes a fineza de o fazerem o mais breve possível a fim de darem termo à sua missão.

## Secção Telegráfica Federações

VINÍCOLA

Secção Federal do Norte. — O ministro das Finanças atendeu. A comissão oficial reúne a 17 do corrente. Segunda-feira de manhã está ali delegado. O movimento encaminha-se para a vitória.

CALÇADO, COUROS E PELES  
Portimão. — Joaquim Valongo. — Manda o que pedimos no Congresso.

## Francês sem mestre por GONÇALVES PEREIRA

1 volume de 400 paginas 15\$00  
Pelo correio 16\$50.  
Pedidos à administração de «A Batalha»